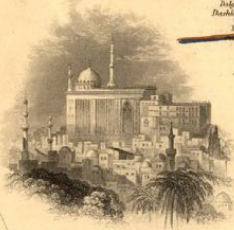
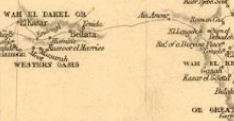


EGYPT,  
AND ARABIA PETREA

MEDITERRANEAN SEA  
Deserto de Fogo



MOSQUE OF SULTAN HASSAN, GRAND CAIRO.



WAH EL DAREL ON THE NILE.



ALEXANDRIA.



RUINS OF THE GREAT TEMPLE, KARNAK.



GREAT SPHINX, GIZA.



© 2015 – Denise di Faccione

## Deserto de Fogo

Deocleciano (Espírito)

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 – Limeira – SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
*www.edconhecimento.com.br*  
 *vendas@edconhecimento.com.br*

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Christiano Sensi e Michelli Crestani  
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens  
ISBN 978-85-7618-342-6  
1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo  
Produzido no departamento gráfico da

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
*conhecimento@edconhecimento.com.br*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Deocleciano (Espírito)

Deserto de Fogo / obra psicografada por Denise di Faccione – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2015.

496 p. : il.

ISBN 978-85-7618-342-6

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Reencarnação 4. História  
5. Egito Antigo 6. Grécia I. Título II. Faccione, Denise di

15-0485

CDD – 133.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Obras psicografadas

Deocleciano



# Deserto de Fogo

Psicografado por  
Denise di Faccione

1ª edição  
2015







## Sumário

|                       |    |
|-----------------------|----|
| Apresentação .....    | 7  |
| Deuses egípcios ..... | 10 |
| Deuses gregos.....    | 13 |

### Primeira parte

|   |    |
|---|----|
| Capítulo 1 – A indicação de Totdemus .....  | 17 |
| Capítulo 2 – Arquimedes da Grécia .....     | 34 |
| Capítulo 3 – Os pássaros e o futuro .....   | 43 |
| Capítulo 4 – Karvetna sabe da gravidez..... | 53 |

### Segunda parte

|   |     |
|---|-----|
| Capítulo 1 – Tutsah e Akenptah crescem.....               | 65  |
| Capítulo 2 – Tristezas, guerras e morte de Totdemus ..... | 92  |
| Capítulo 3 – Pfitah no mercado .....                      | 102 |
| Capítulo 4 – A viagem dos gregos .....                    | 110 |
| Capítulo 5 – Hórus e o deserto de fogo .....              | 125 |
| Capítulo 6 – Tutsah na mastaba de Totdemus .....          | 149 |
| Capítulo 7 – O ventre de Hapkazat é preparado .....       | 159 |
| Capítulo 8 – As mães: Hapkazat e Kalitna.....             | 193 |
| Capítulo 9 – A cura espiritual para Manatka .....         | 211 |
| Capítulo 10 – Nasce o filho de Tutsah.....                | 234 |
| Capítulo 11 – Os nascimentos em mesma data .....          | 255 |
| Capítulo 12 – As batalhas e a sugestão secreta .....      | 270 |

### Terceira parte

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo 1 – Akenptah, o faraó, está vivo..... | 289 |
|--|-----|

|   |     |
|---|-----|
| Capítulo 2 – A posse do faraó.....            | 302 |
| Capítulo 3 – As crianças crescem.....         | 324 |
| Capítulo 4 – A tempestade no Nilo.....        | 342 |
| Capítulo 5 – Manatka faz revelações.....      | 357 |
| Capítulo 6 – A última viagem da trirreme..... | 372 |
| Capítulo 7 – Tutsah no palácio.....           | 380 |
| Capítulo 8 – A conversa e a viagem.....       | 391 |
| Capítulo 9 – Pfitah encontra Isismanet.....   | 405 |
| Capítulo 10 – Revelações a Kalath.....        | 429 |
| Capítulo 11 – Pfitah no palácio.....          | 434 |
| Capítulo 12 – O funeral de Manatka.....       | 454 |

#### Quarta parte

|   |     |
|---|-----|
| Capítulo 1 – O casamento.....               | 461 |
| Capítulo 2 – Aristóteles e Alexandre.....   | 468 |
| Capítulo 3 – A morte do faraó Akenptah..... | 477 |
| Capítulo 4 – Alexandria.....                | 488 |



## Apresentação da obra

Nos tempos da Antiguidade, o Egito foi o berço de inúmeras revelações que perdurariam através dos séculos, auxiliando toda a humanidade, ao proporcionar bons recursos tanto à agricultura, como à belíssima arte, à medicina, avançada para a época, e à culinária diferenciada. O foco religioso surpreendia com seus detalhes; os grandes construtores; os arquitetos que mais ousaram e, com sucesso, deixaram registros que sobressaem até os tempos atuais... todos estes, aspectos culturais que nunca foram apagados.

É sabido que, em todas as antigas civilizações da Terra – planeta de expiação e provas para onde são enviados espíritos que precisam evoluir –, nem todas as histórias ocorridas foram relatadas em sua época, e seus registros se perderam com o tempo. Outras foram contadas mais tarde, mas muitas situações não são lembradas, apesar de constarem em documentos históricos.

Assim aconteceu com muitos faraós do Egito. Suas regências foram sepultadas nas areias do deserto, e seus nomes esquecidos, muitas vezes apenas por terem reinado simultaneamente a outro faraó. Um prevalece, e que caminhos foram utilizados para tal empreitada poucos saberiam afirmar. Muitos tiveram esplendoroso destaque histórico, como o faraó Ramsés II – O Grande, tendo sido o seu um dos reinados mais longos, enquanto outros, como o faraó Armitheus, da cidade de Saïs, na região do Delta do Nilo, no Baixo Egito, foram completamente apaga-

dos. Por menor que tenha sido o tempo de regência de algum faraó, e mesmo que tenha reinado simultaneamente a outro ou outros, suas vidas deveriam ser incluídas nos documentos históricos. Contudo, muitos deles não entraram nessa listagem oficial que atravessa os séculos, independentemente de seus grandes feitos, como por exemplo a derrota do grande líder persa Dario I, em 404 a.C., pelo faraó Armiteus.

Trago neste livro alguns nomes pouco reverenciados e outros completamente esquecidos, e conto suas histórias. Estamos, nestas páginas, entre as dinastias XXVIII e XXXI (a.C.), quando a sucessão de poder no Baixo Egito foi muito tumultuada e precedeu à chegada do grande conquistador Alexandre Magno – O Grande, que também é relatado aqui, assim como seu preceptor, o filósofo Aristóteles.

Realço que os gregos, por muitos séculos, foram atuantes no Egito, e, por muitas vezes, foram verossímeis aliados nas batalhas a defender as duas terras, além de fortes comerciantes. Ao manusear esta obra, o leitor poderá saber muito mais, tanto sobre a Grécia quanto sobre o Egito.

Devo também ressaltar que era costume nas duas civilizações o culto aos vários deuses (adiante apresento a lista de deuses egípcios e deuses gregos). As consultas mágicas através dos oráculos, com a previsão das pítias na Grécia, eram muito requisitadas, ou através dos magos, feiticeiros e sacerdotes, que são pessoas munidas não exatamente de poderes mágicos (como eram chamados na época; tais poderes os ligavam aos deuses), mas, sim, posso afirmar que eram médiuns em comunicação com os espíritos, assim como os próprios deuses eram espíritos. A religião grega trazia seus deuses como antropomórficos, o que significa que agem como a humanidade, ou seja, são repletos de falhas; erram; são sujeitos a sentimentos conturbados como a ira, a inveja e outros; são até mesmo protagonistas de batalhas vorazes, causando a morte de outros deuses ou da humanidade encarnada. Era a compreensão do divino espiritual que se tinha na época, mas os espíritos de familiares já falecidos também se faziam presentes através da vidência mediúnica e pela comunicação escrita ou falada. Claro que outros espíritos mal esclarecidos também estavam atuantes, influenciando negativamente os



encarnados, obsidiando-os para que cumprissem suas vontades, deixando-os fadados ao erro. O mundo dos mortos era como um solo sagrado a ser respeitado.

Prezado leitor, espero ser digno de sua atenção, ao receber esta espetacular história. Que este livro possa agradar a todos que apreciam a história real da humanidade na Terra, tanto a apresentada nos museus e documentos históricos, quanto a não relatada em lugar algum. Dedicamos esta obra aos que apreciam o encanto do velho e belo Egito, aos que apreciam um bom romance, aos espíritas que realmente se pautam na sua doutrina, e aos irmãos de todas as religiões em vigor na Terra, assim como os que não acreditam em deus algum.

Que seja esta a primeira boa leitura que lhes ofereço. Aguardemos as próximas.

Deocleciano<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> **Deocleciano** – Espírito milenar que transita apenas em luz, viveu no Egito nos tempos do Império Novo e em outras duas dinastias faraônicas também conheceu em suas reencarnações, mais civilizações antigas, outros povos e costumes. Ao lado da médium Denise dita seus romances a enaltecer os séculos passados, além de enriquecer a vida dos leitores com seus ensinamentos espirituais.



## Deuses egípcios

**Rá:** o deus Sol, que, na união com o deus Amon (Amon-Rá) é o mais importante deus egípcio.

**Nut:** é o firmamento, cuja representação é um indivíduo do sexo feminino com os membros inferiores no Hemisfério Oriental e as mãos no Hemisfério Ocidental. Os corpos celestes realizam a viagem ao longo do seu corpo. Mãe de Rá (o Sol), ela o engole durante o período noturno e o faz renascer a cada período diurno.

**Babuino divino:** aquele que prova que a viagem da barca solar é verdadeira, a Barca solar de Rá. Em viagem permanente, ela diariamente o traz à Terra e, no período noturno, leva Rá novamente à vida eterna.

**Ísis:** esposa de Osíris, mãe de Hórus e divindade feminina protetora da vegetação, das águas (das enchentes do Nilo) e das sementes. As precipitações pluviais seriam os fluídos lacrimais de Ísis à procura de seu marido, Osíris, que também é uma personificação do rio Nilo.

**Néftis:** irmã de Osíris e esposa de Set.

**Maat:** divindade da justiça, da verdade, e do equilíbrio universal. Era uma das suas penas longas que tinha peso no Julgamento de Osíris.

**Hórus:** a divindade falconídea, era descendente de Osíris e de Isis; cultos também eram realizados em sua homenagem como o Sol nascente.

**Osíris:** no seu hábito, é a divindade dos que perderam a vida, da vida vegetal, da fecundidade. Cultos também eram realizados em sua homenagem como Sol poente. Era ele que vinha à procura das almas que perdiam a vida, para passarem por julgamento no seu tribunal (Tribunal de Osíris).

**Sekhemkhet:** divindade com corpo feminino e cabeça leonina, protetora dos conflitos militares; com sua força, foi encarregada de ser a destruidora dos inimigos de Rá.

**Ptá:** divindade de Mênfis, considerado o grande arquiteto do universo, conforme teriam dito os membros da maçonaria, e protetor dos que trabalham com artesanato.

**Knum:** deus pastor, divindade das nascentes e das enchentes do Nilo.

**Anúbis:** deus chacal, protetor dos túmulos, deus da vida após a morte, mediador entre o firmamento e o nosso planeta; ajudou Ísis quando ela resolveu fazer a união dos bocados do corpo de Osíris e deu-lhe ressurreição.

**Toth:** divindade do conhecimento, dos poderes mágicos, foi o criador da escrita. É considerado o escriba divino e protetor das escritas.

**Hator:** divindade feminina que é apresentada de duas formas: como uma vaca com o Sol no meio dos chifres e como uma mulher com chifres e o Sol entre eles. Considerada a divindade feminina dos vaidosos, dos músicos, da felicidade, dos prazeres e da paixão.

**Set:** grande inimigo de Osíris (o Nilo) e considerado como o vento dotado de calor que veio do deserto. Encarnação egípcia do diabo cristão, provocador de raios e trovões seguidos de chuva e protetor das armas de fogo.

**Amon** (de Tebas): divindade das divindades da mitologia egípcia; posteriormente, cultos foram prestados em sua home-

nagem juntamente com Rá, quando era denominado Amon-Rá.

**Bes:** espírito (ou demônio) dotado de monstruosidade e maldade, habitante do inferno.

**Tueris:** uma divindade feminina com o formato de um hipopótamo, é a protetora das mães com o bebê no útero.

**Bastet:** divindade feminina que se parece com uma gata, transmissora das boas influências da divindade solar para as pessoas.



## Deuses gregos

Quando Cronos tomou o lugar de Urano, tornou-se tão perverso quanto o pai. Com sua irmã Reia, procriou os primeiros deuses olímpicos (Héstia, Deméter, Hera, Hades, Poseidonis e Zeus), mas logo os devorou enquanto nasciam, por medo de que um deles o destronasse. Mas Zeus, o filho mais novo, com a ajuda da mãe, conseguiu escapar do destino. Ela pegou uma pedra, enrolou-a em um tecido e deu a Cronos, que comeu-a, pensando que fosse Zeus. O filho travou uma guerra contra seu progenitor, cujo vencedor ganharia o trono dos deuses. Ao final, com a força dos Cíclopes – a quem libertou do Tártaro – Zeus venceu e condenou Cronos e os outros Titãs à prisão do Tártaro, depois de obrigar o pai a vomitar seus irmãos. Para a mitologia clássica, depois dessa destituição dos Titãs, um novo panteão de deuses e deusas surgiu. Entre os principais deuses gregos estavam os olímpicos – cuja limitação de número para doze parece ter sido uma ideia moderna, e não antiga – que residiam no Olimpo, sob os olhos de Zeus. Nessa fase, os olímpicos não eram os únicos deuses que os gregos adoravam: existia uma variedade de divindades rupestres, como o deus-bode Pã, o deus da natureza e florestas; as ninfas – Náíades (que moravam nas nascentes), Dríades (espíritos das árvores) e as Nereidas (que habitavam o mar) – ; deuses de rios; Sátiros, que eram metade homem, metade bode, e outras divindades que residiam em florestas, bosques e mares. Além dessas criaturas, existiam no imaginário grego

seres como as Erínias (ou Fúrias), que habitavam o submundo, cuja função era perseguir os culpados por homicídio, por má conduta familiar, heresia ou perjúrio.

## Primeira parte

**Na primeira parte desta obra conheceremos:**

O faraó Kataneth, sua rainha Manatka e seu filho Tutsah;  
O próximo faraó Totdemus, seus pais Kapteia e Kerpneptah;  
Karvetna, escolhida para ser esposa de Totdemus;  
Os sacerdotes Kalath, Piankh e Pentak;  
Arquimedes e sua esposa Magdaleia;  
Galateia, mãe de Arquimedes;  
Diógenes, tio de Arquimedes;  
Creterso, amigo de infância de Arquimedes;  
Paquimenes, responsável pela construção da trirreme;  
Critoleia e Amateia, filhas de Arquimedes e Magdaleia;  
Kalitna, serva da cozinha do palácio;  
Akenptah, filho de Totdemus e Karvetna.



Capítulo | 1



*A indicação de Totdemus*

As disputas pelo poder entre os faraós reviravam as dinastias; seria difícil pontuar um período no qual a regência tenha acontecido em plena paz. Em tempos das famigeradas conquistas territoriais, muitas vezes se admitia ser mais interessante sobrecarregar as forças de um único faraó em algum ponto das duas terras, fosse no Baixo Egito ou no Alto Egito, do que ver o poder repartido entre mais mãos, lembrando que, em muitos relatos, no Médio Egito, o comando também era exercido por mãos fortes, ainda que, em considerações gerais, citavam-se apenas “as duas terras”.

O Alto Egito perdia muito território para o reino de Cuche. Deste ponto, entravam os núbios, assim como os líbios e os assírios. Por Tebas, os tronos haviam sido assumidos pela rainha Manatka, ao lado de seu marido, o faraó Kataneth, que tentavam conter tais investidas, sendo a retórica da rainha efetuada com maior diplomacia, convidando os adversários a atos pacíficos em clara intenção e tom que evitasse as batalhas por completo. Mesmo assim, se não conseguisse seu intuito, ou uma boa resposta, entregaria as decisões ao faraó, que defenderia as terras com seus soldados cada vez mais numerosos, porém a cada dia mais temerosos devido à quantidade de mortos em combate.

Os homens se apavoravam com a possibilidade de morrer no deserto e não ter o corpo encontrado e recolhido a um sepultamento correto, causando o labirinto de sua eterna perturba-

ção, a perda do caminho que os levaria à entrada protegida por Osíris no mundo dos mortos. A constância acompanhava o relato de corpos não encontrados, o que era muito provavelmente causado pelo movimento noturno das areias do deserto, campo de batalhas que não permitiam a invasão das cidades ou vilas próximas. Os ventos do deserto disfarçavam a vida e a morte aos olhos daqueles que lá voltavam a procurar os que ainda pudessem ser salvos e os corpos dos que já não teriam mais chance de salvação, e não encontrá-los era um fato desolador para as famílias que esperavam por esses corpos. Por ordem do faraó, os soldados se empenhavam nas tentativas de resgatá-los, porém isso significava alto risco, e eles deveriam ser cautelosos a preservar suas vidas, pois os inimigos estavam à espreita e poderiam investir sobre os que lá voltassem a recorrer os desvalidos, devorados pelo deserto.

Desde o início de seu comando, o faraó Kataneth com certa frequência invocava os deuses a fortalecer seus pedidos de paz, pois não gostaria de ser um faraó a apenas defender as terras. Porém muitas batalhas ainda eram travadas. Seus outros propósitos eram esquecidos pela necessidade extrema do ato bélico inadiável.

A rainha Manatka desde muito jovem tinha visões noturnas, e por vezes durante o dia. Mesmo com os olhos acordados, o que era real desaparecia e dava lugar a uma esplêndida visão. Naqueles tempos, as noites eram de menor descanso, não mais de sono tranquilo. Em uma delas, ela assistiu à morte de seu marido com uma ameaçadora lâmina fincada em seu peito pelas mãos do inimigo. Infelizmente, não conseguiu compreender bem o momento do ataque e o local onde ele estava naquele momento, se no deserto ou na cidade, ou ainda no palácio, mas sua morte era clara.

Tal fato demorou a se concretizar, mas aconteceu. O faraó havia ido ao deserto em um dia de sol claro, que demonstrava não haver perigo a afrontá-lo pelo caminho. Mas um único atacante permanecia escondido, e, ao perceber que era o próprio faraó que chegava para reconhecer os soldados mortos, esperou que ele descesse de seu animal para atacá-lo. Imediatamente, o inimigo foi morto por diversos soldados que prontamente o cer-

caram, mas não foram rápidos o suficiente para evitar o perecer do faraó, que voltou aos braços da rainha morto.

Era necessário ter alguém no comando e, por lógica, a rainha ordenou aos sumos sacerdotes que assumissem o comando das ações imediatas até que tivesse tempo hábil para ler todos os documentos deixados por seu marido e então, decidir o que fazer, tendo como base suas palavras e cumprindo seus desejos e recomendações.

Enquanto isso, na outra extremidade das terras, no Baixo Egito, as lutas eram travadas com os persas e, como se não bastassem essas batalhas, ainda havia os conflitos internos. A instabilidade política poderia derrubar o faraó, forçando a passagem do poder a outras mãos – mas não por sucessão; na verdade, o poder poderia ser violentamente arrancado do regente, o faraó Armiteus. Não bastava ser um bom faraó a nenhum homem que assumisse o poder, por nobreza em seu sangue real ou por sapiência nata do que devia ser feito, ou por amplitude de seu espírito evoluído que cumpriria os propósitos a que se colocara diretamente a fazer como regente. Por melhor que governasse, por mais que fosse capaz de lutar e vencer, demonstrando sua força, ainda assim, um grande homem poderia ser destronado a qualquer instante, de um dia para o outro, ato que menosprezaria seus feitos.

O faraó Armiteus<sup>1</sup> realizou um feito importantíssimo que marcou sua história. Ele conseguiu interromper a invasão persa Aquemênida. Era um governante propenso à paz, e buscava-a implorado aos deuses no Baixo Egito, na intenção de expandir seu comando pacificamente e por reconhecimento de seus atos na região em que estava, no delta do Nilo, ou, ainda, quem sabe, atingir as duas terras. Mas durante o período em que reinou, outros faraós surgiram e opuseram-se a ele, levando-o a concentrar suas ações onde vivia, a cidade de Saís e arredores.

A notícia da morte do faraó Kataneth não tinha ainda percorrido o Egito. Seus documentos eram analisados com cautela pela rainha Manatka e claramente ela viu a indicação de

---

1 Armiteus ou Armitaais: (404 a.C. - 399 a.C.) Único faraó da XXVIII dinastia, foi um aristocrata militar da região do delta (Baixo Egito), que subiu ao poder após comandar as tropas egípcias, libertando o Egito do domínio persa (404 a.C.). Manteve a capital do país em Saís, promovendo o chamado renascimento saítico.

um nome, encontrando veemente destaque ao rapaz Totdemus. Seu marido o observava e, por suas anotações, estava claro que aquele jovem detinha suas atenções. Ele crescera ouvindo as melodias das histórias contadas de boca a boca sobre os faraós no acalento familiar, em palavras responsáveis, respeitosas e estudiosas, principalmente de sua mãe Kapteia, que, honrada, ensinava ao filho a história do Egito, por seu forte parentesco com a família da rainha Nefertari,<sup>2</sup> digníssima esposa de Ramsés II,<sup>3</sup> O Grande. Os áureos tempos do Império Novo estavam vivos na memória dos mais velhos e, pelos relatos detalhados do faraó Kataneth, eram incutidos naquele jovem com muita intensidade. No seu estado de espírito estava traçado e predestinado seu futuro de trabalho assíduo e determinado; sem dúvida alguma era a sensação que sua mãe pressentia ao bater em seu peito com mão forte como se fosse tocada por algum deus a lhe avisar. Kapteia tinha a certeza que seu filho não viveria como alguém simples em cargos sem brilho e reconhecimento algum, e jamais seria um escravo ou servo de alguém com posses. Totdemus queria clara e abertamente ser um faraó e, sem modéstia alguma, escondia seus desejos entre os familiares e invocava os deuses para que ajudassem a alcançar suas ousadas pretensões. Confiando neles, seu futuro promissor se realizaria em breve. Através dos esforços de Kapteia, determinada a que seu filho fosse um faraó e, com isso, pudesse também relatar sua história a todos, o jovem foi enviado a Tebas. Ele deveria aproveitar seu tempo com sabedoria enquanto estivesse lá; deveria aprender os alfabetos da escrita egípcia; ler assiduamente e ouvir todas as comunicações oficiais que avisassem onde estaria o faraó em cumprimento das obrigações de seu comando, quando ele poderia ver Totdemus e conhecê-lo.

Sua mãe, Kapteia, e seu pai, Kerpneptah, esperavam por confirmações de que o filho voltasse um dia à cabana pobre e dissesse que o faraó o havia saudado e ele tivesse conseguido lhe dirigir a voz, a relatar que tinha sido criado na possibilidade de

2 Nefertari: (1290 a.C – 1254 a.C.) Rainha egípcia, esposa de Ramsés II.

3 Ramsés II: (1279 a.C. – 1213 a.C.) Terceiro faraó da XIX dinastia. Seu reinado foi um dos mais longos da história egípcia. Nesse período, o Egito viveu um momento de prosperidade, em que os aspectos econômico, administrativo, cultural e militar tiveram grande destaque. Apesar de ter havido onze outros faraós chamados Ramsés, só a ele foi atribuído o reconhecimento de ter sido “O Grande”.